

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

HELLEN DUARTE LINS

**UM PUNHADO DE MAGIA: Os contos de fadas sob a perspectiva da clínica
psicanalítica e o conceito de Real em Pinóquio**

MACEIÓ
2023

HELLEN DUARTE LINS

**UM PUNHADO DE MAGIA: Os contos de fadas sob a perspectiva da clínica
psicanalítica e o conceito de Real em Pinóquio**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao programa de graduação
do Instituto de Psicologia da
Universidade Federal de Alagoas como
requisito para obtenção do título de
Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Charles Elias Lang

MACEIÓ
2023

UM PUNHADO DE MAGIA: Os contos de fadas sob a perspectiva da clínica psicanalítica e o conceito de Real em Pinóquio

Hellen Duarte Lins¹
Charles Elias Lang²

RESUMO

O artigo aborda a importância dos contos de fadas na Psicanálise, destacando sua natureza metafórica e simbólica, que permite a exploração do inconsciente e a resolução de angústias e dilemas. Apresenta a trajetória dos contos fantásticos, desde sua origem oral até a compilação por escritores como os alemães, Irmãos Grimm e o francês, Charles Perrault, demonstrando a infantilização dessas histórias e sua relevância na infância, além de relacioná-las com a teoria psicanalítica de Sigmund Freud e a importância da fantasia. Sob a forma de um ensaio teórico, objetiva analisar o potencial terapêutico e simbólico dessas narrativas fantásticas, sem uma leitura reducionista ou enviesada por uma óptica patológica, de tal modo a compreender como os contos de fadas podem ser eficazes no processo terapêutico e de desenvolvimento da criança, além possibilitar a elaboração da angústia trazida enquanto Real lacaniano. Porquanto, toma o conto de Pinóquio como exemplo de narrativa possível de conectar consciente e inconsciente por meio de sua linguagem simbólica.

Palavras-chave: Contos de fadas; Psicanálise; Clínica; Real; Literatura; Pinóquio

ABSTRACT

The article addresses the importance of fairy tales in Psychoanalysis, highlighting their metaphorical and symbolic nature, which allows for the exploration of the unconscious and the resolution of anxieties and dilemmas. It presents the trajectory of these fantastic tales, from their oral origins to the compilation by writers such as the Brothers Grimm from Germany and Charles Perrault from France, demonstrating the infantilization of these stories and their relevance in childhood. It also relates them to Sigmund Freud's psychoanalytic theory and the significance of fantasy. As a theoretical essay, its objective is to analyze the therapeutic and symbolic potential of these fantastic narratives, without reducing them or being biased by a pathological perspective, in order to understand how fairy tales can be effective in the therapeutic process and the child's development, as well as facilitating the elaboration of the anguish brought forth as Lacanian Real. Thus, it takes the example of the

¹ Graduanda no curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, AL, Brasil..

² Psicólogo e Psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor permanente no Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (IP/UFAL, Maceió, AL). Pesquisador e Supervisor em Psicologia Clínica no Curso de Graduação em Psicologia da UFAL.

story of Pinocchio as a narrative that can connect the conscious and the unconscious through its symbolic language.

Keywords: Fairy tale; Psychoanalysis; Clinic; Real; Literature; Pinocchio

Introdução

Sob a égide da Psicanálise, toda a linguagem é metafórica, configurando-se como uma representação simbólica daquilo que falta ao sujeito (Lima, 2010). Exemplo disso são os contos de fadas, os quais oferecem uma jornada imaginativa em que os leitores e ouvintes podem, ao se envolverem com as histórias, deparar-se com seus próprios desafios. Seja para quem lê, seja para quem ouve, os contos convidam a expandir as fronteiras do inconsciente pelo recurso do imaginário, e assim a explorar suas lacunas.

Os contos fantásticos vêm de uma longa trajetória que remonta a séculos passados, porém sem uma datação bem delimitada, visto que são originados de tradições orais e populares. Desenvolveram-se ao longo do tempo e sofreram influências culturais e mudanças narrativas. Essas histórias, essencialmente transmitidas de geração em geração, encontraram sua forma mais conhecida por intermédio de contos compilados por escritores como os Irmãos Grimm e Charles Perrault no século XVII e XVIII, quando vieram a se difundir.

Nascidos na Alemanha no final do século XVIII, os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm são conhecidos por seu trabalho pioneiro na coleta e publicação de contos de fadas. Motivados pelo interesse em preservar a tradição cultural do povo alemão, os Grimm assumiram a tarefa de documentar essas narrativas populares. Compilaram as histórias e publicaram pela primeira vez em 1812 um livro intitulado "Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos".

A obra continha diversos contos, incluindo histórias bastante conhecidas, como "Branca de Neve", "Cinderela" e "Chapeuzinho Vermelho". Inicialmente, os contos eram escritos para adultos, apresentando elementos sombrios e lancinantes que retratavam um mundo brutal e violento de maneira franca. No entanto, por sofrerem variadas influências culturais ao longo do tempo, eles se tornaram populares entre as crianças e começaram a ser adaptados para um público mais jovem.

Já Charles Perrault, um escritor francês do século XVII, é considerado um dos pioneiros na popularização dos contos de fadas. Em meados de 1697, o autor publicou um livro intitulado "Contos da Mamã Gansa" (ou Histórias do Tempo Antigo), que incluía histórias como "Cinderela", "A Bela Adormecida" e "O Gato de Botas". Diferente dos contos

dos irmãos Grimm, as histórias de Perrault foram escritas especificamente para entreter a corte francesa do século XVII (Volobuef, 1993).

Não obstante os objetivos que levaram à escrita e publicação dos contos de fadas, há algum tempo as histórias são direcionadas ao público infantil. Desta maneira, funcionam como um instrumento “muito relevante no desenrolar da infância, pois cada história que é contada para a criança leva consigo elementos de sua subjetividade, e auxiliam na elaboração e resolução de suas angústias, dúvidas e curiosidades” (MOURA e ASSIS, 2018, p.131).

Assim, a infantilização das histórias clássicas proporciona o reconhecimento de um mundo próprio da criança, bem como de uma “psicologia infantil” (Kehl, 2013) posteriormente interessada à Psicanálise, quando se propõe a discutir temas como o desenvolvimento infantil e a constituição psíquica das crianças, dentre seus mais variados autores.

Influenciada pelo *corpus* mítico grego, é assim que surge a teoria psicanalítica. Apoiando-se no conto de Sófocles intitulado “Édipo Rei”, Sigmund Freud desenvolve sua teoria e apresenta a importância do mito. Palavra originada do vocábulo grego, “mito” remete-se a *mythos*, derivado de *mytheio*, contar, narrar (Pastore, 2012). Este passa a ser o cerne de seus estudos e a linguagem o elemento fundamental, que por sua vez possibilita a compreensão do sujeito por meio de suas narrativas.

Uma palavra abrange um intrincado processo de associação em que se unem elementos de natureza visual, acústica e cenestésica (Longo, 2006). Destarte, o significado de uma palavra é adquirido ao se estabelecer uma ligação com a representação do objeto em questão. Na obra “As palavras e as coisas” de Michel Foucault (1999), a classificação e representação ocupam um papel central na produção de conhecimento. Foucault questiona como diferentes épocas estabelecem categorias de pensamento e sistemas de classificação que moldam a compreensão do mundo.

Essas categorias e classificações não são meramente neutras, mas refletem os valores, as relações de poder e as estruturas de pensamento de uma sociedade. Assim, ainda que com a supervalorização da tecnologia, dos computadores e seus variados jogos, os contos de fadas sobrevivem, segundo Kehl (2013, p. 16) devido ao “seu poder de simbolizar e ‘resolver’ os conflitos psíquicos inconscientes que ainda dizem respeito às crianças de hoje”.

Por via de transmissão oral e escrita, as narrativas infantis estimulam o imaginário dos ouvintes e leitores. Desse modo, apoiam-se nos elementos fantásticos capazes de metaforizar as incontáveis e singulares questões cotidianas, por vezes difíceis de serem simbolizadas,

presentes nas diversas décadas e culturas. Logo, os contos expressam “um ‘acervo comum de histórias’ através do qual a humanidade reconhece a si mesma” (KEHL, 2013).

Ao pensar as narrativas como um modo de compreensão e identificação do sujeito, toda história contada é potente para fazer um corpo existir (Brum, 2014). Seja a história composta por aventuras, descontentamentos ou reflexões, ao nos depararmos ouvindo, lendo ou contando histórias, podemos pensar na nossa própria existência, nossas angústias e desejos. É nesse campo das narrativas que a Psicanálise opera e se desdobra.

Segundo Lacan (1957) “toda verdade tem estrutura de ficção”. Posto isso, cada história é capaz de ilustrar temores de que padecemos ou encarnar ideais ou desejos que nutrimos (Corso, 2013), de formas singulares, direta ou tangencialmente. Atualmente, os contos de fadas são atrelados ao público infantil, porém, seguem estruturalmente reverberando nas mais diversas gerações.

A fantasia inicia na infância, entretanto perdura por todo o desenvolvimento humano. Na clínica psicanalítica, Freud considera a fantasia uma função psíquica defensiva, exemplificando em obras como “O mecanismo psíquico do esquecimento” (1898) e “Lembranças encobridoras” (1899) que esta funciona como um obstáculo que se coloca entre a análise e a verdade buscada, capaz de alterar a forma como o sujeito interpreta sua história.

Contudo, para além de uma função encobridora, a fantasia passa a ser considerada um componente da verdade. Durante o acompanhamento do Caso Dora (1905), Freud percebe que a fantasia possui influência na formação de um sintoma, pela via da fantasia de desejo. Ele expressa que:

Segundo uma regra que sempre vi confirmada, mas ainda não tive a coragem de elevar a um princípio geral, um sintoma significa a representação - realização - de uma fantasia com conteúdo sexual, isto é, uma situação sexual. Melhor dizendo, pelo menos um dos significados de um sintoma corresponde à representação de uma fantasia sexual, ao passo que não existe essa limitação do teor para os outros significados. O fato de um sintoma possuir mais de um significado, de servir para representar simultaneamente vários cursos de pensamentos inconscientes, é algo que logo descobrimos no trabalho psicanalítico. Quero ainda acrescentar que, na minha avaliação, dificilmente um só curso de pensamento ou fantasia inconsciente bastará para produzir um sintoma. (FREUD, 1905)

Assim, a fantasia desempenha um papel ambivalente. Age como um obstáculo fictício que impede o acesso à verdade insuportável, contra a qual a defesa foi estabelecida, e simultaneamente atua como uma verdade imaginária reprimida, que retorna manifesta no sintoma. Por não ser possível atravessar as experiências impostas pela existência sem algum tipo de escape, todas as pessoas farão uso de algum mecanismo para lidar com elas. A

habilidade de sonhar é essencial para suportar angústias que frequentemente se apresentam ao longo da vida.

Nesse sentido, os contos de fadas e a fantasia concedem mais flexibilidade diante de desafios, e possibilitam outras interpretações para os dilemas vivenciados, que assim como o Real da teoria lacaniana “retorna, retorna com palavras — algo simbólico, portanto” (GOROG, 2019). Deste modo, a fantasia se torna imprescindível tanto para crianças, quanto para adultos.

Ensaio uma forma, formando um ensaio

Ao considerar o ensaio como estrutura metodológica, por meio do qual o “o álcere e o lúdico são-lhe essenciais” (Adorno, 1986, p. 168), buscamos envolvimento, reflexão e capacidade crítica e analítica com o trabalho proposto. Deste modo, a teoria psicanalítica se torna uma ferramenta fundamental para ampliar o entendimento das narrativas infantis.

No tocante a uma possível psicopatologização dos contos, é importante destacar que nossa intenção é totalmente contrária a isso. Ao integrar o referencial teórico da Psicanálise com as histórias infantis, acreditamos possibilitar uma melhor compreensão e demonstração de seu funcionamento e conceitos teóricos.

Ao escolhermos o conto de Pinóquio, é válido ressaltar que essa narrativa, escrita por Carlo Collodi e publicada em 1883, foi selecionada não apenas por sua relevância histórica, mas também pela “capacidade de interligar o consciente e o inconsciente” (SCHNEIDER e TOROSSIAN, 2009, p. 134), por meio de sua linguagem repleta de significados simbólicos e metáforas, capazes de apreender o Real, que se apresenta com cortes e nos escapa (Chaves, 2006).

Desta maneira, os contos maravilhosos desempenham um papel significativo na ampliação das perspectivas de mundo, além de promoverem, por meio do simbólico, a catarse (Freud, 1895). Ao explorar esses elementos, pretendemos analisar como essas narrativas podem, por um lado, contribuir para o desenvolvimento psíquico das crianças, permitindo-lhes expressar e elaborar suas emoções e, por outro, servir como ferramenta facilitadora da comunicação terapeuta-paciente.

Portanto, objetivamos ao longo deste ensaio, estabelecer um diálogo entre a teoria psicanalítica, as histórias infantis e o conto de Pinóquio, de modo a analisar o potencial terapêutico e simbólico na linguagem dessas narrativas. Em que pese, não pretendemos uma leitura reducionista ou enviesada por uma óptica patológica.

Porquanto, reconhecemos a importância da linguagem metafórica presente nos contos de fadas na compreensão dos sujeitos e na elaboração de suas angústias inefáveis. Esperamos, assim, contribuir para uma apreciação mais profunda e significativa dos contos de fadas, destacando sua relevância na formação psíquica e suas complexidades psicológicas, bem como sua importância na clínica e no manejo transferencial do setting.

A história das histórias

Antes mesmo do advento da escrita, os contos de fadas já eram compartilhados entre as mais diversas culturas. Embora a literatura não apresente unanimidade em relação à data de seu surgimento, indícios apontam sua origem na cultura celta (Schneider e Torossian, 2009) e sua transmissão, de acordo com Oliveira (2010), se deu por via da oralidade entre os povos persas, gregos e hindus. Apresentados inicialmente em forma de poemas, foi somente a partir do século XVII que passaram a ganhar notoriedade.

De início, não se preocupavam com o público infantil. As histórias continham relatos de mortes, adultérios, canibalismo e tantos outros elementos que compunham o imaginário e a sociedade daquela época (Schneider e Torossian, 2009), sem finais felizes. Pesquisas como a de Falconi (2015), demonstram que o conto da Chapeuzinho Vermelho, por exemplo, não terminou com o resgate de Chapeuzinho e sua avó por um caçador, e que elas não viveram felizes para sempre.

Foi por intermédio de Charles Perrault, que as histórias passaram a ser modificadas e começaram a cativar o público infantil. Poeta e admirador do gênero, passou a coletar narrativas no meio da sociedade francesa de sua época e adaptá-las de maneira que pudesse entreter a corte. Por serem transmitidos facilmente e passarem a ter uma linguagem rebuscada, as narrativas passaram a cativar não apenas a nobreza, mas também os infantes, integrando seus imaginários e favorecendo o crescimento intelectual, afetivo e infantil (Falconi e Farago 2015).

Narradas segundo Schneider e Torossian (2009) “pelas amas, governantas e, ou, pelas ‘cuidadoras’ das crianças”, as histórias iam se disseminando e adaptando-se às variadas interpretações e culturas, quase como um “telefone sem fio”. Entretanto, autores como Góes (1991) atribuem o movimento literário do romantismo como outra forte influência nas modificações das narrativas. Deste modo,

a violência presente nos contos de Perrault concede espaço ao humanismo que, de forma delicada, perpassa as histórias escritas pelos irmãos Grimm, preconizando a solidariedade e o amor ao próximo. Os aspectos mais agressivos ainda se mostram presentes, personificados principalmente na figura do Lobo e da Bruxa, porém, ao

final, impera a esperança, a confiança na vida e o indispensável final feliz. (SCHNEIDER e TOROSSIAN, 2009, p. 136)

Em outras palavras, ainda que se propagassem as histórias com sua estrutura inicial, foi devido ao movimento romântico que estas adquiriram um tom mais benevolente, até mesmo altruísta e humanitário. Desta forma, faz-se notório que os contos não foram criados exclusivamente para as crianças. Tendo em vista que, à época em que foram inicialmente transmitidos, a infância não era percebida distintamente ou como uma fase que merecia especial atenção (Falconi, 2015).

No contexto brasileiro, as histórias infantis passaram a se multiplicar graças à influência do escritor paulista, Monteiro Lobato. Formado em advocacia, atuou também como escritor e editor de inúmeras obras. Com vasta produção na literatura adulta, ficou bastante conhecido no espaço da literatura infantil, com destaque para as obras *Reinações de Narzinho* (1921), *Saci* (1921) e *O Marquês de Rabicó* (1922).

Amplamente adaptadas para o cenário televisivo, as narrativas fantásticas suscitam ainda outros debates a respeito da diminuição da potência criativa para crianças quando transformados em ilustrações.

é por isso que um conto de fadas perde muito de seu significado pessoal quando suas personagens e situações adquirem substância não da imaginação da criança, mas da de um ilustrador. Os detalhes únicos derivados de sua própria vida particular, com os quais a mente de um ouvinte representa a história que lhe contam ou que lê, fazem dessa história uma experiência muito mais pessoal. [...] Mas se deixamos um ilustrador determinar a nossa imaginação, ela se torna menos nossa, e a história perde muito de sua significação pessoal. (BETTELHEIM, 2021, p. 87-88)

Contudo, é válido lembrar que geralmente os contos não atingem as crianças por meio da oralidade ou da leitura. Nem sempre há um narrador disponível que possa transmiti-la uma história fantástica, tampouco possuem alguma capacidade de leitura para conhecer de modo autônomo. Às vezes, o que resta é o contato pela TV, quando muito.

Ilustração e cultura de massas

O advento da televisão e posteriormente da internet e suas variadas tecnologias, possibilitou novas formas de interações sócio-afetivas. Ao ampliar culturas e conhecimentos, veiculam extensas informações e inúmeras possibilidades, que constituem o que Horkheimer e Adorno viriam a intitular “indústria cultural” em sua obra *Dialética do Esclarecimento* (1947).

Ao vincular-se à representação, a palavra se vê dividida nos mais variados signos, sons e imagens, esta última resignando-se à pretensão de cópia (Horkheimer e Adorno, 1947).

No entanto, uma imagem possui pouco significado se não tivermos as chaves de interpretação necessárias (Corso, 2013). Mesmo quando amplamente divulgadas, as representações através de imagens em filmes, desenhos ou séries trazem consigo referências mínimas.

Isto significa dizer que, essas formas de mídia visual geralmente requerem um conhecimento prévio para serem totalmente compreendidas. As referências mencionadas podem incluir elementos culturais, contextos históricos e alusões a outras obras. Sem essas "chaves de leitura", ou seja, sem o conhecimento necessário para interpretar essas referências, o espectador pode não captar completamente o significado pretendido pela imagem.

Quando utilizada de forma combinada com outras experiências e elementos culturais, a mídia pode oferecer um complemento valioso ao processo de aprendizado, estimulando a curiosidade, a imaginação e a compreensão do mundo em que o sujeito está inserido. Logo, conforme Corso (2013, p. 163) “tudo que encontra alguma forma de representação se torna mais passível de ser equacionado”.

Travada por infundáveis debates acerca da ampliação ou empobrecimento da cultura, o fato é que a midiaticização compõe os novos moldes de relações sociais. Se para Bettelheim (2021) a maneira estritamente eficaz de transmissão das mensagens dos contos é por meio da fala e da escrita, há de se considerar o desconhecimento do autor acerca dos níveis que atingiram a tecnologia nos dias de hoje, surpreendentes até mesmo para quem convive e faz uso dela.

As histórias infantis, sejam elas difundidas oral, escrita ou visualmente, não suscitam nas crianças o debate acerca da hierarquização de cada modelo. As narrativas são transmitidas e ao tocarem o interesse da criança, independente do motivo, gerará interesse e cativará o infante sem muitas cerimônias. Por isso, não nos parece interessante que seja feito o descarte ou a crítica radical às ilustrações possíveis, tampouco defender qual o melhor modelo de ficção. Se forem capazes de produzir “efeitos de subjetivação” (Corso, 2013, p. 169) na criança, é isso que interessa ao pequeno, ao adulto e ainda, ao analista.

Os contos e a clínica

Para falarmos em clínica, faz-se extremamente importante considerarmos as contingências que a rodeiam, com destaque para a diferença na dinâmica da clínica com adultos e crianças. Enquanto os adultos buscam a análise de maneira independente, a criança chega ao setting pela mão de alguém, frequentemente os pais, o que acaba por influenciar no estabelecimento do processo que Freud (1912) considera essencial numa análise: a transferência.

Ainda que seja possível ocorrer em várias relações interpessoais, é no contexto analítico que a transferência pode ser trabalhada, pois é nessa relação transferencial entre o paciente e o analista que surgem os desejos inconscientes. Lacan (1964), ao utilizar o conceito de "Sujeito Suposto Saber" para falar sobre transferência na clínica psicanalítica, afirma que o analista assume essa posição em relação ao paciente, ainda que não possua o conhecimento demandado.

Tal conceito ressalta um conhecimento subjacente às palavras do paciente, desconhecido por ele e que é pressuposto ao Outro por meio da transferência. Esse conhecimento não conhecido, intrinsecamente inconsciente, denominado neste contexto como "sujeito", está na raiz da transferência. Assim, o analista possibilita o estabelecimento da transferência, enquanto o paciente se entrega à livre associação em busca de sua verdade. O analista, como o Outro ouvinte, permite que a palavra se desdobre por meio da produção de significantes.

No caso dos adultos, é por meio da palavra e da fala que o conhecimento sobre si mesmo é construído na relação analítica transferencial. Contudo, no atendimento às crianças, ainda que a fala se faça presente, é por meio do lúdico que o analista assume a posição de sujeito suposto saber, abrindo espaço para as manifestações inconscientes do infante vivenciadas nos estágios iniciais. Logo, a função do analista é servir como mediador e se oferecer como semelhante, ao permitir que o paciente possa expressar-se sobre si mesmo.

Porquanto é daí que, segundo Quinet (2009) se dá “a exigência estabelecida por Lacan de um trabalho prévio à decisão de se aceitar um paciente em análise: as entrevistas preliminares, que têm suas funções diagnóstica, sintomal e transferencial”. Destarte, conforme Pereira (2017), ao considerarmos que são os pais que trazem a demanda inicial, é possível estabelecer uma transferência também com eles nesse processo inicial, o que auxilia no trabalho analítico com a criança

Ao considerarmos o *setting* terapêutico como um espaço de escuta e acolhimento da realidade psíquica, temos a incorporação da narrativa como ferramenta terapêutica que assume uma magnitude relevante dentro da clínica. Uma vez que se apoia na força das fantasias e das simbolizações, tal instrumento torna possível a construção de interações sociais, a simbolização de experiências vivenciadas e a elaboração dos conflitos psíquicos.

Os contos de fadas, ao se valerem de artifícios fantásticos, são capazes de viabilizar a satisfação de desejos do sujeito de maneira a mitigar o sofrimento psíquico. Paralelamente a isso, as histórias compartilham características semelhantes aos processos de condensação e

deslocamento presentes nas fantasias. Por meio de figuras simbólicas, como fadas e bruxas, os contos de fadas disfarçam os conflitos internos subjacentes.

Tais narrativas fantásticas representam uma espécie de reedição da realidade por vezes insatisfatória. Ao facilitar a vivência de desejos reprimidos, haja vista que os prazeres inacessíveis no mundo real podem encontrar satisfação no reino das fantasias (Fregonesi, 2013). A projeção, com destaque para as que são feitas pela criança nos contos, ocorre quando ela se identifica com figuras narrativas e as interpreta de acordo com sua própria tessitura psíquica. Nesse sentido, ela se inclina a eleger aqueles contos que espelham os enredos de seus dilemas mais intrínsecos.

Bettelheim (2021) enfatiza a importância de um processo crucial na infância em que ocorre uma separação. Através do Complexo de Castração (Freud, 1924) cria-se uma distinção entre aquilo que é considerado bom e mau, e estes passam a ser representados por meio das figuras parentais. As narrativas fantásticas facultam à criança a oportunidade de expressar ira em relação aos pais, todavia, por meio de uma forma simbólica, isto é, uma expressão que se submete à aceitabilidade consciente e minimiza os dissabores relacionados a ela.

A criança, semelhante ao adulto, vê-se perenemente envolvida em uma confusão de afetos antagônicos. Contudo, ao passo que o primeiro se instrui a amalgamá-los, a criança é vorazmente acossada por tais ambivalências dentro de si. Logo,

Vivencia a mistura de amor e ódio, desejo e medo dentro de si própria como um caos incompreensível. Não pode suportar se sentir a um só tempo boa e obediente e no entanto má e rebelde, embora o seja. Visto que não pode compreender estágios intermediários de grau e intensidade, as coisas ou são só luz ou só escuridão. Ou se é só coragem ou só medo; o mais feliz ou o mais miserável; o mais bonito ou o mais feio; o mais esperto ou o mais tolo; ou se ama ou se odeia, não há nunca um meio termo. (BETTELHEIM, 2021, p.107)

Por meio de imagens singelas e explícitas, a fábula encantada auxilia a criança a dispor de forma organizada seus sentimentos complexos e ambivalentes. Ao passo que estes se acomodam em compartimentos distintos, em detrimento de uma grande bagunça, favorecendo soluções de conflitos e compreensão de sentimentos. Até mesmo aqueles na condição de adultos, necessitam da criação de entidades apartadas para conferir certa harmonia coerente ao caos de nossas experiências internas.

Freud, ao postular sua chamada segunda tópica, separou as funções psíquicas em três instâncias: Id, Ego e Superego. Lacan, por sua vez, divide os três registros da experiência humana em: Real, Simbólico e Imaginário. Desse modo, se na condição de adultos também

faz-se necessário dividir as experiências internas em partes separadas para serem melhor compreendidas, não se pode subestimar a magnitude desse anseio na esfera infantil.

Frente a essa forma sublime de expressão, as narrativas fantásticas desempenham um papel de relevância ímpar. Seja no âmbito da existência individual da criança ou como possível suporte no cenário terapêutico, os contos maravilhosos podem viabilizar uma comunicação fluida e enriquecedora. Porquanto, conforme Moura e Assis (2018) constituem-se como valiosos instrumentos de interação no contexto da relação terapeuta-paciente, capazes de facilitar a transferência.

Zatti & Kern (2014) declaram que a narração de fábulas estimula o acolhimento e amparo ao infante, dentro e fora do *setting* terapêutico. Ao conferir a capacidade de expressar e experimentar uma sensação de segurança e plenitude no estabelecimento do cenário, este que é cuidadosamente criado para gerar conforto e proteção. Uma vez que o vínculo de confiança com o ambiente circundante e os participantes envolvidos é estabelecido, as crianças passam a recorrer aos recursos da imaginação e da fantasia, os quais culminam no processo de simbolização dos seus embates internos.

A prática de contar histórias permite à criança trilhar gradativamente um caminho em direção a uma esfera criativa que está em efervescente movimento. Neste contexto, os conflitos conscientes e inconscientes são transpostos para fora e elaborados de maneira a fornecer uma reconstrução de significado que traz alívio àqueles que padecem com a angústia, mas se veem impossibilitados de nomeá-la (Moura e Assis, 2018). Assim, segundo Chauí (1984), os contos têm uma função especial como rituais de transição, oferecendo apoio às crianças ao lidarem com o presente, na preparação para adversidades vindouras e na desvinculação do seu universo familiar, resultando em sua entrada no mundo adulto.

Delineia-se também, a intrincada relação das histórias fantásticas com a sexualidade, na medida em que abordam as temáticas de maneira ambígua. Deste modo, provocam e instigam o acesso aos desejos e fantasias, e por outro lado, fortalecem os paradigmas da repressão sexual, na medida em que penalizam os transgressores e delineiam o momento apropriado e ansiado para a manifestação dos conteúdos sexuais (Schneider e Torossian, 2009).

Segundo Gutfreind (2020), os contos são tão abundantes em sua riqueza que não se enquadram em rotulações. São abertos a diversas interpretações e aplicações, e estão prontos para serem reaproveitados de acordo com as nossas necessidades. Essas particularidades conferem suporte ao terapeuta, habilitando-o a utilizar tais narrativas como instrumento

terapêutico. Para isso, entretanto, o terapeuta precisa estar aberto à participação na brincadeira e narrativa da criança, pois

A psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas. Em consequência, onde o brincar não é possível, o trabalho efetuado pelo terapeuta é desenvolvido então no sentido de trazer o paciente de um estado em que ele não é capaz de brincar para um estado em que o é. (WINNICOTT, 1975, p.65)

Destarte, cabe ressaltar que a interpretação feita pelo sujeito, principalmente pela criança, não se esgota em si mesma, bem como o manejo de utilização dos contos não possui uma regra.

O boneco de madeira

Pinóquio, o famoso boneco de madeira que ganha vida, é um personagem icônico da literatura infantil. Sua história é fruto da imaginação e criatividade do escritor italiano Carlo Collodi, pseudônimo de Carlo Lorenzini. Publicado pela primeira vez em 1883 e ilustrado dois anos depois por Enrico Mazzanti. Nesta narrativa, é conferida uma ampla margem de autonomia aos protagonistas. Retratando-os

em larga medida, emancipados do controle dos adultos, de tal modo que eles agem como não modelos relativamente a uma certa visão didática e moralista que era comum na literatura italiana do século XIX, como resposta aos desafios educativos e sociais de luta contra o analfabetismo, que, à época, atingia 78% da população, e igualmente como estratégia de construção de uma certa identidade coletiva. (COLIN, 2002 *apud* AZEVEDO, 2013, p. 6)

Collodi criou a narrativa com o intuito de transmitir mensagens educativas e morais para o público infantil. Mediante as aventuras do boneco de madeira, ele abordou temas como a importância da honestidade, da obediência e das consequências dos nossos atos. Pinóquio é um personagem cativante, porém ingênuo e propenso a entrar em confusões. Ao longo da história, ele aprende valiosas lições sobre responsabilidade, amadurecimento, verdade e autoconhecimento.

A jornada do personagem também é marcada por encontros com outras criaturas, como a Fada Azul, o Grilo Falante e os maliciosos Gato e a Raposa. Cada encontro e desafio vivido pelo protagonista contribuem para o seu crescimento e evolução como personagem. Ao longo dos anos, a história foi adaptada para diversas mídias, incluindo teatro, cinema e animação e sua popularidade perdura até os dias atuais.

A criação de Pinóquio por Collodi não apenas marcou a literatura infantil, mas também se tornou um símbolo duradouro da imaginação e da capacidade de transformação presentes em cada criança. Sua história continua a ser transmitida por gerações, ensinando valiosas lições sobre a busca pela verdade e pelo crescimento pessoal.

A jornada de Pinóquio pelo Real

Conceito importante e complexo na teoria lacaniana, o Real formulado por Lacan transcende a realidade empírica e se refere à dimensão do impossível, do inefável e do inassimilável. Posto como uma categoria que escapa à plena simbolização e representação, visto que está além do campo da linguagem e da significação.

Como mencionado anteriormente, Lacan propõe a tríade dos três registros da experiência humana, por meio de um retorno a Freud e como forma de esclarecer as instâncias originalmente apresentadas por ele. O primeiro registro é o Simbólico, tal qual

É de fato assim que devemos entender o simbólico de que se trata na troca analítica. Quer se trate de sintomas reais ou atos falhos, ou o que quer que seja que se inscreva no que encontramos e reencontramos incessantemente, e que Freud manifestou como sendo sua realidade essencial, trata-se ainda e sempre de símbolos, e de símbolos organizados na linguagem, portanto, funcionando a partir da articulação do significante e do significado, que é o equivalente da estrutura da linguagem (LACAN, 2005, p. 23).

Em seguida, tem-se o Imaginário e o Real, ainda que postulados separadamente, encontram-se interligados. O Imaginário é o detentor da fantasia, visto que “ela é feita para se exprimir, para ser dita, para simbolizar alguma coisa que tem um sentido diferente, de acordo com o momento do diálogo” (LACAN, 2005, p. 22). O Real, por sua vez, é o impossível de se dizer, é apreendido como “um efeito do Simbólico: o que o Simbólico expulsa, instaurando-se” (VANIER, 2005, p.19).

De acordo com Cesarotto (2005), a linguagem é a expressão mais concreta do registro simbólico, governando o sujeito do inconsciente. Os contos de fadas, por terem a capacidade de conectar consciente e inconsciente, tornam-se assim, uma linguagem simbólica que pode capturar a realidade. Isso permite que o leitor ou ouvinte da narrativa elabore de uma maneira diferente sua angústia anteriormente incompreensível.

Deste modo, o conto de Pinóquio é capaz de simbolizar o Real de várias maneiras. Uma delas é quando o boneco deseja transformar-se em humano, mas se depara com a impossibilidade desta transformação, confrontando-se com a realidade de ser uma marionete de madeira. Ao buscar a realização de um ideal até então inatingível, temos um confronto do personagem com o impossível e o traumático que caracterizam o registro do Real.

Tal momento de confronto ocorre quando ele se depara com a sua falta de autonomia e a limitação de suas ações. Sendo assim, é forçado a encarar a sua condição de boneco, algo que está além das suas ilusões imaginárias e que desafia a sua compreensão racional, a de que ele não pode simplesmente se transformar em um menino apenas desejando isso.

Outro ponto importante na obra, são os encontros com o Grilo Falante, personagem que demonstra ao boneco as responsabilidades e as consequências de suas ações, ao que atua como uma espécie de consciência moral que modula os desejos de Pinóquio. Facilmente associado ao conceito freudiano de Supereu (Freud, 1923), instância a qual tem por função vigiar e julgar, devido à sua natureza moral.

Tanto na obra de Freud quanto no ensino de Lacan, o supereu é concebido como uma instância psíquica que exerce influência sobre o sujeito, a qual impõe as normas morais, e está associado a pulsões e desejos primitivos. Em Freud, o supereu tem origem tanto no Isso, representando os impulsos e desejos primitivos, quanto no complexo de Édipo, relacionado ao ideal do eu. É descrito como uma voz interna que impõe censura e controle sobre os desejos e comportamentos do sujeito.

Lacan por sua vez, elabora uma concepção do supereu que enfatiza sua “instância intrusiva, extremamente real e primitiva”. (Pena, *et. al*, 2020, p.46). Ele o concebe como uma entidade presente desde o início da constituição do sujeito, independente do complexo de Édipo. Em sua segunda fase teórica, Lacan descreve o supereu como o objeto *a*, cuja manifestação ocorre na forma de uma "voz" (Cordeiro & Bastos, 2011) e é concebido como uma instância psíquica que exerce influência sobre o sujeito.

Segundo Miller (1986) é no âmbito do registro do Real que se evidencia a voracidade estrutural do supereu, sua forma de operar e sua potência de destruição, “suas exigências descabidas para o sujeito, por sua sede absolutamente interminável de gozo, goze o que se gozar” (PENA, *et. al*, 2020, p.50). Deste modo, ainda que personificado pelo inseto grilo, o objeto voz, quando assumido como supereu, é efetivamente internalizado pelo sujeito, pois se trata de algo que está além da sua capacidade de assimilação. Trata-se assim, de um objeto insondável, um reflexo do real (Pena, *et. al*, 2020).

Nesse sentido, ao considerarmos Pinóquio como uma figura simbólica para as crianças, é possível inferir que, mesmo quando criadas sem rigor por parte de seus pais, elas também podem desenvolver um supereu exigente. Conclui-se, portanto, que o supereu segundo Pena *et al* (2020, p.44) “não se formaria de acordo com a educação dada à criança, mas de acordo com o supereu dos seus próprios pais. A instância moral representa a identificação com as figuras de outro, mas também é a internalização residual dos investimentos objetais abandonados”.

Considerações finais

Ao compreendermos que a clínica com crianças requer abordagens diferenciadas em relação à terapia com adultos, consideramos os contos de fadas como ferramenta terapêutica capaz de estabelecer a transferência com o infante e auxiliá-lo a simbolizar as angústias próprias de cada sujeito.

Nessa direção, discutimos aqui a relevância da transferência na análise com crianças e como a fantasia além de sua função defensiva, também é capaz de possibilitar a busca do sujeito por uma verdade. Ao explorar o papel dos contos de fadas como meio de simbolização, capazes de permitir que as crianças expressem e elaborem seus conflitos internos de forma segura e criativa.

Os contos de fadas oferecem uma estrutura que auxilia na construção de significados, na expressão de desejos reprimidos nas diversas fases do desenvolvimento humano. Visto que as angústias se fazem presentes no sujeito, independentemente da idade, abordamos a importância da compreensão do Real por meio da narrativa fantástica para entender a dimensão do impossível, inefável e inassimilável na clínica, especificamente com crianças.

Concluimos que os contos de fadas desempenham um papel significativo na terapia infantil, proporcionando um espaço simbólico para a criança lidar com a sexualidade, a ambivalência afetiva, as regras e outras incontáveis questões difíceis de serem verbalizadas. Porquanto, destacamos a importância de que o terapeuta desempenhe um papel ativo na brincadeira e na narrativa, promovendo um ambiente seguro e acolhedor para a criança expressar suas emoções e conflitos internos, com suporte dos contos fantásticos.

Destarte, a obra de Pinóquio é utilizada para exemplificar alguns, dos infindáveis confrontos com o Real e trazendo à tona questões relacionadas à falta, à limitação, à instância moral e ao conflito com o impossível. Assim, a magia se entrelaça à Psicanálise abrindo portas para a cura das dores invisíveis, a elaboração das angústias indizíveis e resistentes e a transformação dos impossíveis em possíveis.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. (1986). O ensaio como forma. In G. Cohn (Org.), *Sociologia: Adorno* (pp. 167-187). São Paulo: Editora Ática.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. 1947. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997

AZEVEDO, Fernando. (2015). Pinóquio: breves apontamentos sobre um clássico contemporâneo. In F. Azevedo, A. F. Araújo e J. M. de Araújo (Coord.), *As vidas de Pinóquio. Ecos Literários e Educacionais* (pp. 5-10). 2013.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. 41. Ed - Rio de Janeiro, 2021.

BREUER, Josef; FREUD, Sigmund. (1893-1895) “Estudos sobre a Histeria”. *In*: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB].

BRUM, Eliane. **Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras**. Arquipélago Editorial Ltda, 2017.

CASSIRER, Ernst. Antropologia filosófica. Ensaio sobre o homem. Introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo, Ed. Mestre Jou, 1972.

CESAROTTO, Oscar Angel. (2005). O discurso lacaniano. Viver Mente & Cérebro. Coleção Memória da Psicanálise: Lacan, 4, 23-29

CORDEIRO, Naiana Moura Lopes; BASTOS, Angélica. (2011). O supereu: imperativo de gozo e voz. Tempo psicanalítico, 43(2), 439-457.

FALCONI, Isabela Mendes. Contos de Fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança. 2015.

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. trad. Salma Tannus Muchail. **São Paulo: Martins**, 1999.

FREUD, Sigmund. O mecanismo psíquico do esquecimento, 1898. *In*: Primeiras Publicações Psicanalíticas. ESB Vol. III. Rio de Janeiro: Imago. 1977.

_____. Lembranças Encobridoras, 1899. *In*: Primeiras Publicações Psicanalíticas. ESB Vol. III. Rio de Janeiro: Imago. 1977.

_____. 1886-1939. Obras completas, volume 6 : três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905) I Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. -11 ed.-São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. A dissolução do complexo de Édipo (1924), v. XIX. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, 1996:

_____. O eu e o id. 1923. **Obras Completas**, volume 10. [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2011.

FREGONESI, Carolina Teles. Como contos de fadas e fantasia contribuem para o desenvolvimento psíquico e emocional e na inserção da criança no mundo letrado. **Colloquium Humanarum**, vol. 10, Revista Unoeste. São Paulo. 2013.

GÓES, Lúcia Pimentel. (1991). Introdução à literatura infantil e juvenil. 2. ed. São Paulo: Pioneira.

GOROG, Jean-Jacques; OLIVEIRA, Cícero. O que é o real para Lacan?. **Stylus (Rio J.)**, Rio de Janeiro , n. 38, p. 23-33, jun. 2019 . Disponível em <>. acessos em 16 jun. 2023.

GUTFREIND, Celso. O terapeuta e o lobo : a utilização do conto na clínica e na escola [recurso eletrônico] / Celso Gutfreind. – ed. rev. ampl. – Porto Alegre : Artmed, 2020. E-pub.

LACAN, Jacques. (1956-1957). O Seminário de Jacques Lacan, livro 4: *As Relações de Objeto* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

LACAN, Jacques. (2005). O Simbólico, o Imaginário e o Real (1953). Em Nomes-do-Pai. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LIMA, Carla Andréa Silva. O lugar do entre: a escritura do sujeito nos espetáculos de Pina Bausch. **Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas da ABRACE-Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. Salvador, IV, 2010.**

MOURA, Jennifer Guimarães de; ASSIS, Maria de Fátima Pessoa. Psicanálise e contos de fadas no processo de elaboração do luto infantil. 2018.

LONGO, Leila. **Linguagem e psicanálise.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2006.

MILLER, Jacques-Alain. (1986). A clínica do supereu. In Recorrido de Lacan (pp. 131-147). Buenos Aires, Ar: Manantial.

PASTORE, Jassanan Amoroso Dias. Psicanálise e linguagem mítica. **Ciência e Cultura**, v. 64, n. 1, p. 20-23, 2012.

PENA, Breno Ferreira; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; GUERRA, Andréa Máris Campos. O supereu em Freud e Lacan: da moralidade à amoralidade, uma gula estrutural. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 23, p. 37-56, 2020.

PEREIRA, Lisiane. Os contos de fadas e a clínica do infantil. Santa Rosa. 2017.

QUINET, Antonio, 1951. As 4+1 condições da análise / Antonio Quinet. 12.ed.. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

SCHNEIDER, Raquel Elisabete Finger; TOROSSIAN, Sandra Djambolakdijan. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. **Psicologia em revista**, v. 15, n. 2, p. 132-148, 2009.

VANIER, Alan. (2005). Lacan. (B. Nícia Adan, Trad.). São Paulo: Estação Liberdade (Original publicado em 1998).

VOLOBUEF, Karin. Um estudo do conto de fadas. Revista de Letras, São Paulo (UNESP), v. 33, p. 99-114, 1993

WINNICOTT, Donald Woods (1971/1975). *O brincar e a realidade*. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago.

ZATTI, Cleonice; KERN, Cristina Dariano. (2014). A importância dos contos de fadas como instrumento de trabalho para a psicoterapia infantil. *Diaphora*, 14(2), 6-17. Recuperado de <http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/60> : Acesso: